

**VÍNCULOS E RUPTURAS EM GRUPOS DE TRABALHO NA UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA****BONDS AND RUPTURES IN UNIVERSITY WORK GROUPS: A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF THE ACADEMIC EXPERIENCE****VÍNCULOS Y RUPTURAS EN LOS GRUPOS DE TRABAJO UNIVERSITARIOS: UN ANÁLISIS PSICOANALÍTICO DE LA EXPERIENCIA ACADÉMICA**Claudia Correa Vendrame<sup>1</sup>, Ricardo Eleutério Alves<sup>2</sup>, Jacqueline Mazzoni<sup>3</sup>

e2115439

<https://doi.org/10.33947/educacao.v21i1.5439>

PUBLICADO: 06/2026

**RESUMO**

Este estudo tem como objetivo compreender as experiências afetivas e relacionais vivenciadas por estudantes em grupos de estudo no contexto universitário, a partir da perspectiva psicanalítica dos grupos. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada com 41 estudantes do curso de Psicologia da **Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)**. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário semiestruturado. Os dados foram organizados em frequências relativas e submetidos à análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2016), articulada às contribuições teóricas de Bion, Pichon-Rivière e Kaës sobre dinâmica grupal e vínculos.

Os resultados indicam que a formação dos grupos ocorre predominantemente por afinidade entre os participantes, sendo os vínculos afetivos um elemento central para a coesão e o funcionamento grupal. Também foram identificadas dificuldades relacionadas à gestão de conflitos, divisão de tarefas e participação desigual entre os membros. A análise evidencia que os grupos de estudo se configuram como espaços de aprendizagem acadêmica e de elaboração psíquica, mobilizando processos identificatórios, afetivos e defensivos. Conclui-se que a compreensão das dinâmicas psíquicas presentes nos grupos universitários pode contribuir para práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento coletivo, o pertencimento e a formação profissional dos estudantes de Psicologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grupos de trabalho universitários. Psicanálise dos grupos. Vínculos institucionais. Subjetividade. Sofrimento psíquico.

**ABSTRACT**

*This study aims to understand the affective and relational experiences lived by students in study groups within the university context, from the psychoanalytic perspective of groups. This is a qualitative, exploratory, and descriptive research conducted with 41 Psychology students from Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Data were collected through a semi-structured questionnaire. The data were organized into relative frequencies and subjected to thematic content analysis as proposed by Bardin (2016), articulated with the theoretical contributions of Bion, Pichon-Rivière, and Kaës regarding group dynamics and bonds. The results indicate that group formation occurs predominantly through affinity among participants, with affective bonds being a central element for cohesion and group functioning. Difficulties related to conflict management, task division, and unequal participation among members were also identified. The analysis highlights that study groups are configured as spaces for academic learning*

<sup>1</sup> Graduanda do curso de psicologia pela Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. Graduada em pedagogia pela UNIESP - Faculdade Renascença.

<sup>2</sup> Graduando em psicologia pela Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. Graduado em administração de empresas pela UNITINS. Autor do livro: A Fronteira Invisível.

<sup>3</sup> Graduação em Psicologia; Pós-Graduação em Psicodiagnóstico Clínico e Mestrado em Psicologia pela Universidade São Marcos. Doutorado na área de Psicologia com ênfase em Emergência e Desastres pela Universidade de Havana-CUBA. Psicóloga e Professora Universitária na Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. Instrutora do CEIB, do Curso de Capacitação de Instrutores-III/99 sob orientação da UDESC em convênio com a U.S. Agency for International Development/USAID - Office of S. Foreign Disaster Assistance/UFDA. Programas na área de Psicologia da Emergência e Desastres junto ao Corpo de Bombeiros de São Paulo, Minas Gerais e Chile-Santiago. Treinamentos e Capacitação na área de Segurança do Trabalho (SMS Corporativo da Petrobras- Universidade Petrobras). Membro da Comissão Especial de Segurança e Saúde do Trabalho da ABNT. Membro da Diretoria da ABRAPHISET - Associação Brasileira dos Profissionais de Engenharia e Segurança do Trabalho. Membro da Diretoria Executiva da OBESST - Organização Brasileira das Entidades de Segurança e Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, como assessora de relacionamento. Universidade Cidade de São Paulo - UNICID.

*and psychic elaboration, mobilizing identificatory, affective, and defensive processes. It is concluded that understanding the psychic dynamics present in university groups can contribute to pedagogical practices that foster collective development, a sense of belonging, and the professional training of Psychology students.*

**KEYWORDS:** *University work groups. Group psychoanalysis. Institutional bonds. Subjectivity. Psychic suffering.*

### **RESUMEN**

*Este estudio tiene como objetivo comprender las experiencias afectivas y relacionales vividas por estudiantes en grupos de estudio en el contexto universitario, desde la perspectiva psicoanalítica de los grupos. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva, realizada con 41 estudiantes de Psicología de la Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). La recolección de datos se llevó a cabo mediante un cuestionario semiestructurado, y los datos fueron analizados a través del análisis de contenido temático propuesto por Bardin (2016), articulado con aportes teóricos de Bion, Pichon-Rivière y Kaës. Los resultados muestran que la formación de los grupos ocurre principalmente por afinidad entre los participantes, siendo los vínculos afectivos fundamentales para la cohesión y el funcionamiento grupal. También se identificaron dificultades relacionadas con la gestión de conflictos, la división de tareas y la participación desigual entre los miembros. El análisis evidencia que los grupos de estudio funcionan como espacios de aprendizaje académico y de elaboración psíquica, movilizandolos procesos identificatorios, afectivos y defensivos. Se concluye que la comprensión de las dinámicas psíquicas presentes en los grupos universitarios puede contribuir a prácticas pedagógicas que favorezcan el desarrollo colectivo, el sentido de pertenencia y la formación profesional de los estudiantes de Psicología.*

**PALABRAS CLAVE:** *Grupos de trabajo universitarios. Psicoanálisis de los grupos. Vínculos institucionales. Subjetividad. Sufrimiento psíquico.*

## **1 INTRODUÇÃO**

As relações estabelecidas nos grupos de trabalho universitários configuram-se como espaços importantes de produção de subjetividade, atravessados por exigências institucionais, pactos relacionais e dinâmicas inconscientes que se manifestam na convivência cotidiana. No ambiente acadêmico, as tarefas compartilhadas convocam processos cooperativos, negociações de sentido, conflitos e reorganizações constantes, revelando que aprender em grupo implica não apenas domínio técnico, mas também elaboração emocional e experiência intersubjetiva. Compreender os vínculos, as dinâmicas grupais, o sofrimento institucional e os processos identificatórios que emergem nesses contextos exige uma análise que articule dimensões sociopolíticas e psicanalíticas.

Sob uma ótica sociopolítica, as instituições universitárias funcionam como dispositivos que organizam práticas, discursos e regimes de poder. Foucault (1975/2014) ressalta que toda instituição define modos de subjetivação, produzindo formas de participação, classificação e controle que incidem sobre os corpos e formas de existir. No contexto acadêmico, os grupos de trabalho se configuram como microdispositivos onde tais normatividades se expressam, moldando comportamentos, expectativas, hierarquias e modos de pertencimento. Dessa maneira, os vínculos grupais deixam de ser meras afinidades pessoais para se tornarem efeitos de discursos institucionais que orientam as relações.

### **1.1 Vínculos: relações interpessoais e afetividade**

As atividades realizadas em grupo no contexto acadêmico são espaços privilegiados para que o estudante construa sua subjetividade e estabeleça vínculos interpessoais. Esse processo vai além da execução de tarefas, envolvendo dimensões simbólicas, afetivas e identitárias que influenciam diretamente a formação do estudante. A subjetividade no trabalho universitário não é neutra; ela emerge da experiência singular de cada sujeito, moldada por sua trajetória de vida, valores, afetos e pela forma como se relaciona tanto com a atividade quanto com o grupo.

Freud (1930/2010) destaca que o conflito entre os desejos individuais e as exigências da sociedade gera tensão psíquica, indicando que tanto as relações interpessoais quanto as demandas acadêmicas podem afetar a saúde, a identidade e o sentido atribuído ao trabalho acadêmico.

A identidade pode ser compreendida como processo dinâmico, construída a partir das relações com os outros. Para Ciampa (1987), a identidade funciona como papel social em constante transformação, sendo continuamente construída e reconstruída ao longo do tempo. Quando um indivíduo se integra a uma equipe, traz consigo experiências e expectativas que interagem com a dinâmica coletiva, produzindo novas formas de agir e de se relacionar.

Nesse processo, a negação desempenha papel relevante nas transformações subjetivas, emergindo das diferenças entre as propostas do grupo e as demandas internas do sujeito. Esse confronto e posterior reelaboração podem favorecer uma postura mais crítica, mas também gerar sofrimento psíquico.

Segundo Bion (1961/2004), nos grupos existem associações inconscientes que moldam a maneira como os membros enfrentam conflitos e diferenças. A negação pode funcionar como mecanismo temporário de organização psíquica, permitindo que o sujeito reconheça gradualmente tensões entre sua experiência interna e as exigências externas, facilitando a adaptação e a transformação pessoal.

## **1.2 Psicanálise dos grupos e dinâmicas inconscientes.**

Cada pessoa carrega consigo uma história, experiências e expectativas que moldam sua maneira de sentir, pensar e agir. Quando essas pessoas se reúnem em um grupo, essas particularidades não desaparecem; ao contrário, entram em interação, influenciando a forma como o grupo se organiza, se relaciona e cumpre suas tarefas. Assim, o grupo não pode ser visto apenas como um conjunto de indivíduos voltados para um objetivo comum, mas como um sistema vivo, em que se articulam dimensões conscientes e inconscientes que determinam seu funcionamento e potencial de aprendizagem.

Na prática, percebe-se que a sensação de pertencimento e aceitação é fundamental para que um membro se engaje de maneira produtiva. Quando alguém se sente acolhido e valorizado, seu investimento no grupo se torna mais consistente e criativo. Por outro lado, a falta de reconhecimento ou integração tende a gerar insegurança, retraimento e conflitos, prejudicando tanto o desempenho coletivo quanto a própria experiência de participação.

A perspectiva de Pichon-Rivière (1971/2009) postula o grupo como um instrumento de aprendizagem, comunicação e transformação social. Para ele, cada grupo se organiza em torno de uma tarefa explícita — o objetivo consciente — e de uma tarefa implícita ou latente, envolvendo conteúdos inconscientes, ansiedades e resistências que podem bloquear ou dificultar o progresso. Nesse cenário, as ansiedades individuais são projetadas na interação coletiva, exigindo que o grupo aprenda a lidar com tensões, elaborar conflitos e transformar obstáculos em oportunidades de crescimento.

René Kaës (2016) complementa essa visão ao afirmar que o grupo constitui um aparelho psíquico coletivo, no qual se constrói uma realidade emocional compartilhada. Nesse espaço, cada indivíduo empresta e recebe elementos afetivos, permitindo que sentimentos e conflitos que seriam difíceis de suportar isoladamente sejam elaborados de forma coletiva. Assim, a experiência grupal se torna não apenas um meio de alcançar objetivos práticos, mas também um espaço de suporte, aprendizagem e transformação psíquica. O pertencimento a esse campo compartilhado cria um sentido de identidade coletiva, permitindo que os indivíduos se ajustem a uma realidade comum sem perder suas singularidades.

Dentro desse contexto, surgem alianças que estruturam o funcionamento do grupo e protegem seus integrantes das tensões emocionais. Os membros frequentemente se unem a pessoas específicas do grupo para suprir necessidades de aceitação e pertencimento, buscando apoio para enfrentar conflitos internos ou pressões externas que possam ameaçar a estabilidade do grupo. Esses vínculos funcionam como forma de proteção emocional e controle da dinâmica coletiva.

Kaës (2016) descreve contratos narcísicos, pactos denegativos e alianças ofensivas, observando que a coesão do grupo nem sempre surge da harmonia natural, mas frequentemente da necessidade de apoio e proteção diante de tensões ou ameaças internas ou externas. Conforme Kaës (1997), as alianças inconscientes constituem formações psíquicas compartilhadas que organizam vínculos intersubjetivos, sustentando pactos implícitos, posições subjetivas e modos de pertencimento, garantindo coesão e continuidade do vínculo grupal.

Bion (1961/2004) complementa essa visão, destacando que, além da tarefa consciente e das alianças inconscientes, os processos afetivos compartilhados são centrais para a dinâmica grupal. O grupo deposita expectativas elevadas na liderança; quando frustradas, integrantes podem se afastar, questionar decisões ou reduzir engajamento. No grupo de trabalho, Bion distingue afetos maduros — entusiasmo pelo objetivo comum, frustração construtiva e empatia — dos pressupostos inconscientes que desviam energia da tarefa: dependência, luta ou fuga e acasalamento.

### **1.3 Sofrimento institucional e sofrimento psíquico**

As rupturas institucionais constituem um elemento central para a compreensão do sofrimento psíquico nos grupos, especialmente em contextos organizacionais e acadêmicos. Compreende-se que mudanças estruturais interferem nas dinâmicas coletivas, tornando-se fundamental analisar como qualquer alteração no funcionamento institucional repercute na forma como os indivíduos interpretam, vivenciam e elaboram as experiências grupais. Cada integrante vivencia essas experiências de maneira

singular, uma vez que os processos de subjetivação são atravessados por histórias pessoais, identificações e mecanismos de defesa próprios.

Birman (1999, 2006) argumenta que as transformações contemporâneas nas instituições e nos modos de organização social incidem diretamente sobre a subjetividade, contribuindo para o aumento de experiências de instabilidade, desamparo e sofrimento psíquico. No cenário universitário, a pressão por desempenho, a competitividade velada e a sobrecarga emocional tornam os grupos espaços nos quais se vivenciam simultaneamente acolhimento e exclusão, solidariedade e frustração, espelhando a dialética entre construção e ameaça do vínculo. Alterações nas normas, estruturas ou práticas institucionais tendem a gerar sentimento de insegurança e vulnerabilidade, exigindo dos sujeitos constantes reorganizações psíquicas. No interior dos grupos, esses efeitos se manifestam por meio da reconfiguração dos vínculos e das alianças, podendo intensificar conflitos ou reforçar dependências emocionais já existentes.

Foucault (1975/2014) contribui para essa análise ao demonstrar que as instituições exercem poder por meio da produção e regulação de normas, discursos e práticas que orientam comportamentos e organizam expectativas. Quando essas normativas se apresentam de forma instável, contraditória ou são modificadas sem clareza, os dispositivos institucionais deixam de cumprir sua função organizadora, produzindo tensões e fragilizando os referenciais simbólicos que estruturam as práticas e posições dos sujeitos no interior da instituição.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que as constantes mudanças normativas tendem a desorganizar os indivíduos, comprometendo a previsibilidade necessária à construção de segurança psíquica. A incerteza quanto aos papéis, responsabilidades e limites de atuação favorece sentimento de insegurança e desamparo, que não permanecem restritos ao plano individual. Verifica-se que esses efeitos repercutem diretamente nas dinâmicas grupais, dificultando a cooperação, enfraquecendo os vínculos e intensificando conflitos interpessoais.

Sob essa ótica, a instabilidade institucional, marcada por alterações frequentes nas normas e pela ausência de diretrizes consistentes, interfere na dinâmica coletiva, comprometendo a confiança entre os membros e a possibilidade de alinhamento em torno de objetivos comuns. Conclui-se que a organização institucional não apenas regula as práticas, mas sustenta ou fragiliza a base psíquica sobre a qual os alunos se apoiam.

#### **1.4 Processos identificatórios: mecanismos de identificação individual e coletiva**

Nesse mesmo campo, Kupfer (2021), ao tratar da clínica e da constituição do sujeito na relação com o outro, destaca que a subjetividade se estrutura no entrelaçamento entre as experiências singulares e o campo coletivo. Ao transpor essa compreensão para o ambiente universitário, os grupos de trabalho podem ser entendidos como espaços de simbolização, nos quais cada estudante projeta e reelabora aspectos de sua história, investindo afetos, expectativas e medos que atravessam a tarefa

ostensiva. O grupo funciona, assim, como continente e produtor de marcas subjetivas, podendo favorecer ou dificultar processos de aprendizagem e crescimento.

Sob essa perspectiva, as dinâmicas que emergem nos grupos de trabalho universitário não são apenas circunstanciais, mas estruturantes da formação subjetiva e profissional dos estudantes. A maneira como vínculos são estabelecidos, rompidos ou transformados constitui uma via privilegiada para compreender o modo como cada sujeito se insere no coletivo e elabora sua relação com o saber, com o outro e consigo mesmo.

Considerando essas dimensões, este estudo tem como objetivo analisar os vínculos e rupturas presentes nos grupos de estudo formados por estudantes de Psicologia, investigando os fatores que influenciam a escolha dos membros, a permanência ou saída dos grupos, a construção da afetividade e as dificuldades enfrentadas na execução das tarefas. A partir de uma abordagem psicanalítica e de uma análise qualitativa dos relatos dos participantes, busca-se compreender como as experiências grupais contribuem para a constituição subjetiva e para o desenvolvimento da identidade profissional, destacando o papel do grupo como espaço de simbolização, conflito, aprendizagem e transformação.

Diante disso, este estudo busca contribuir para a compreensão das dinâmicas psíquicas presentes nos grupos de estudo universitários, evidenciando como os vínculos afetivos, os processos identificatórios e as tensões grupais influenciam tanto o processo de aprendizagem quanto a construção da identidade profissional de estudantes de Psicologia.

## 2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que integrou análise descritiva de dados provenientes de questionário semiestruturado. Participaram do estudo 41 estudantes do curso de Psicologia inseridos em atividades acadêmicas relacionadas à formação em grupos universitários.

**O processo analítico foi desenvolvido em articulação entre os autores, mantendo-se postura reflexiva na interpretação dos dados.**

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os sentidos atribuídos pelos participantes às experiências grupais, considerando dimensões subjetivas e afetivas próprias do processo formativo. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário semiestruturado.

As respostas foram organizadas em categorias temáticas e analisadas conforme a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), articuladas à perspectiva psicanalítica de grupos.

## 3 PROCEDIMENTO

Inicialmente, foi elaborado o instrumento de coleta de dados com base no referencial psicanalítico dos grupos e nos objetivos do estudo, contemplando aspectos relacionados às experiências grupais, formação dos grupos, critérios de escolha dos integrantes, permanência ou ruptura, papéis assumidos, afetividade e conflitos vivenciados pelos estudantes.

O questionário semiestruturado foi disponibilizado na plataforma Google Forms. O convite para participação foi encaminhado aos estudantes do curso de Psicologia dos 9º e 10º semestres, dos períodos matutino e noturno, por meio de canais institucionais e comunicação direta, em período previamente definido. No convite, foram apresentadas informações sobre os objetivos da pesquisa, o caráter voluntário da participação, a garantia de anonimato e a inexistência de prejuízo acadêmico em caso de recusa ou desistência.

Após a coleta, os dados foram organizados em planilha eletrônica, permitindo o levantamento de frequências relativas e percentuais para caracterização da amostra e identificação de tendências gerais. As respostas discursivas foram reunidas em corpus textual único, preservando-se integralmente o conteúdo das falas.

Posteriormente, realizou-se leitura flutuante do material qualitativo, identificando-se eixos temáticos recorrentes. Na etapa seguinte, os dados foram submetidos à análise de conteúdo temática, conforme os procedimentos propostos por Laurence Bardin (2016), articulando-se os achados descritivos à interpretação psicanalítica das experiências relatadas.

Todo o processo de coleta, organização e análise dos dados foi conduzido de forma sistemática, assegurando coerência metodológica e rigor científico na compreensão das dinâmicas de vínculo e ruptura nos grupos de trabalho universitários.

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS / RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os grupos de estudo universitários não se restringem à execução de tarefas ou à obtenção de resultados acadêmicos. Configuram-se como espaços atravessados por dinâmicas subjetivas e inconscientes, nos quais vínculos, afetos e conflitos interferem diretamente tanto no desempenho quanto na experiência dos participantes.

A amostra foi composta por 41 estudantes do curso de Psicologia, com predominância do 9º semestre (80,5%) e maior concentração no período noturno (78%). Os dados indicam que a maioria dos participantes encontra-se em fases avançadas da graduação. Trata-se de um período marcado por maior exigência acadêmica, produção de trabalhos e preparação para a conclusão do curso. A concentração no turno noturno sugere a presença de estudantes que conciliam a formação universitária com demandas externas, como trabalho e responsabilidades familiares. Ainda que o questionário não tenha investigado diretamente a jornada laboral, tal dado constitui um elemento contextual relevante, pois aponta para um cotidiano marcado por sobrecarga, cansaço e menor disponibilidade temporal para encontros grupais. Conforme Birman (1999), transformações contemporâneas nas instituições e nos modos de organização social intensificam experiências de instabilidade e desamparo, favorecendo o acionamento de mecanismos defensivos voltados à manutenção do funcionamento psíquico.

Quanto ao gênero, identificou-se predominância feminina (78,05%), com 32 participantes, enquanto o gênero masculino correspondeu a 21,95%. Essa composição segue a tendência histórica observada nos cursos de Psicologia. Freud (1933/2010) aponta que escolhas profissionais e modos de

inserção social podem refletir processos identificatórios e investimentos subjetivos relacionados às construções socioculturais de gênero. No campo grupal, tal predominância pode favorecer maior circulação de afetos, cuidado e atenção às relações interpessoais, embora não seja possível estabelecer uma relação direta entre gênero e funcionamento grupal apenas a partir dos dados obtidos.

A distribuição etária apresentou ampla variação, com idades entre 22 e 55 anos. Houve dois picos de concentração: entre 22 e 24 anos (29,3%) e entre 46 e 48 anos (17,1%). Essa coexistência de sujeitos em diferentes fases do ciclo vital aponta para a presença de repertórios distintos de experiência e de modos diversos de engajamento acadêmico. Segundo Bion (1961/2004), grupos compostos por membros com trajetórias heterogêneas tendem a mobilizar projeções e identificações que podem favorecer aprendizagem ou intensificar tensões, a depender da capacidade do grupo em sustentar a tarefa e elaborar as ansiedades despertadas pela convivência.

No que se refere à organização dos grupos, a afinidade pessoal foi o critério predominante para a escolha dos integrantes (61%), seguida pelo desempenho acadêmico (26,8%). A proximidade física (7,3%) e a sugestão de terceiros (4,9%) apresentaram baixa influência. Além disso, a simpatia e a familiaridade foram consideradas muito importantes ou moderadamente importantes por 83% dos participantes. Esse dado evidencia que a formação grupal se apoia fortemente em identificações afetivas iniciais, frequentemente associadas à busca de segurança, pertencimento e proteção. Pichon-Rivière (1971/2009) descreve que a constituição do grupo mobiliza ansiedades básicas, como medo de perda e medo de ataque, e que a escolha por afinidade pode funcionar como estratégia defensiva, reduzindo tensões iniciais. Em Bion (1961/2004), tal movimento aproxima-se do pressuposto básico de dependência, no qual o grupo é investido como fonte de sustentação psíquica e proteção.

Apesar da formação baseada em afinidade, a principal dificuldade relatada pelos participantes foi a falta de comprometimento de algum membro (56,1%), seguida por conflitos de personalidade (22%) e dificuldades de comunicação (17,1%). A organização e divisão de tarefas apareceu com baixa incidência (4,8%). Esses resultados apontam que o sofrimento grupal não decorre prioritariamente de falhas técnicas, mas de rupturas no pacto implícito de reciprocidade e responsabilidade. Quando um integrante não corresponde às expectativas de participação, instala-se um cenário propício à frustração e ao ressentimento. Bion (1961/2004) descreve que, quando o grupo é vivido como extensão narcísica, a falha do outro pode ser experimentada como ameaça à coesão, mobilizando raiva e desilusão.

A instabilidade grupal também se destacou, uma vez que 55% dos participantes relataram ter trocado de grupo ao menos uma vez, e 27,5% afirmaram ter realizado essa mudança em mais de uma ocasião. Esse dado sugere fragilidade na sustentação dos vínculos ao longo do curso. A troca de grupos pode ser compreendida como tentativa de restaurar uma fantasia de harmonia e funcionamento ideal, evitando o enfrentamento das tensões inerentes ao trabalho coletivo. Em Bion (1961/2004), tal dinâmica aproxima-se do pressuposto básico de luta-fuga, no qual o grupo se afasta do trabalho psíquico necessário para elaborar frustrações e conflitos. Birman (2006) também aponta que rupturas podem operar como defesas diante de exigências simultâneas de desempenho e convivência, tornando o afastamento uma forma de aliviar a tensão.

Ao investigar os fatores que motivaram a permanência nos grupos, observou-se que o comprometimento dos membros foi o elemento mais citado (37,5%), seguido pelo vínculo afetivo e boa relação interpessoal (35%) e pela colaboração e apoio mútuo (25%). A sensação de autenticidade e aceitação foi mencionada por 17,5%. Esses achados indicam que a continuidade do grupo depende da articulação entre tarefa e vínculo. Pichon-Rivière (1971/2009) enfatiza que a aprendizagem grupal ocorre quando o grupo consegue integrar tarefa explícita e tarefa implícita, elaborando ansiedades e transformando-as em cooperação.

Entre os fatores associados à saída ou troca de grupo, destacaram-se a falta de comprometimento de membros (30,8%), conflitos de personalidade (25,6%), tensões pessoais (17,9%) e dificuldades de comunicação (15,4%). Esses resultados reforçam a centralidade do pacto de responsabilidade compartilhada e evidenciam que o vínculo, quando fragilizado, perde sua função organizadora. Kaës (2016) contribui ao afirmar que grupos sustentam-se por alianças inconscientes e pactos narcísicos; quando tais alianças se rompem, surgem movimentos de afastamento e dissolução.

No que diz respeito aos papéis desempenhados nos grupos, observou-se predominância do papel de executor de tarefas e cumprimento de prazos (46,3%), seguido por liderança organizacional (22%). Funções ligadas à mediação de conflitos (14,6%) e geração de ideias (12,2%) apareceram em menor proporção. O papel de apoio emocional e motivação foi o menos citado (4,9%). Essa configuração aponta para um funcionamento orientado à produtividade e ao controle, sugerindo que a dimensão afetiva tende a ser secundarizada. Kaës (2016) descreve que, quando o grupo não sustenta adequadamente sua função continente, há deslocamento do investimento para a tarefa concreta, como tentativa de evitar contato com ansiedades mais primitivas, como insegurança e dependência. Assim, o predomínio do executor pode refletir não apenas um perfil individual, mas uma defesa coletiva voltada à manutenção da estabilidade e da coesão.

A construção da afetividade foi percebida como gradual por 53,7% dos participantes, enquanto 24,4% afirmaram que já existia desde o início. Por outro lado, 17,1% relataram pouca construção afetiva e 4,8% afirmaram ausência de afetividade. Esses dados sugerem que parte significativa dos grupos conseguiu transformar identificações iniciais em vínculos mais realistas e estáveis, enquanto outra parcela permaneceu em relações superficiais ou fragilizadas. Bion (1961/2004) destaca que alguns grupos permanecem sob domínio de ansiedades que dificultam o investimento relacional, impedindo o amadurecimento da convivência. Pichon-Rivière (1971/2009) descreve que a ausência de vínculo estruturado compromete o grupo operativo, limitando o potencial de aprendizagem coletiva. Kaës (2016) acrescenta que fragilidades nas alianças inconscientes impedem a formação de uma identidade grupal coesa.

Quando questionados sobre a influência da afetividade na produtividade, 56,1% avaliaram como geralmente positiva, apesar de tensões, e 24,4% como predominantemente positiva. Assim, 80,5% reconheceram impacto favorável da dimensão afetiva. Apenas 14,6% perceberam influência neutra e 4,9% relataram impacto negativo. Não houve relatos de prejuízo extremo. Freud (1921/2011) afirma que os laços afetivos sustentam a coesão grupal, ainda que mobilizem ambivalências inevitáveis. A

predominância de avaliações positivas sugere que muitos grupos conseguiram elaborar tensões sem desorganização significativa, favorecendo o funcionamento orientado à tarefa.

As questões abertas evidenciaram a presença de ansiedade, insegurança, medo de julgamento, frustração, raiva e desmotivação, especialmente nas fases iniciais. Esses afetos foram associados à desigualdade de comprometimento, conflitos de opinião e falhas de comunicação. Com o tempo, parte dos participantes relatou surgimento de empatia, paciência, confiança, segurança, satisfação e pertencimento, indicando processos de elaboração emocional e fortalecimento de vínculos. Na análise psicanalítica, tais relatos indicam a presença de resistências inconscientes, manifestadas como defesas frente ao olhar do outro e ao risco de exposição. Pichon-Rivière (1971/2009) descreve que resistências são constitutivas do trabalho grupal e se intensificam em contextos de avaliação e exigência de desempenho. Birman (1999) também relaciona tais vivências à fragilidade contemporânea dos laços e à intensificação das demandas de reconhecimento.

Os dados indicam que os grupos de estudo não operam apenas como instrumentos acadêmicos, mas como espaços de elaboração subjetiva. A presença de tensões e rupturas não pode ser reduzida a falhas organizacionais, pois revela o modo como cada sujeito se posiciona diante do outro, do compromisso e do reconhecimento. A instabilidade observada e a predominância de papéis voltados à execução apontam para tentativas defensivas de controlar ansiedades e manter a coesão. Ainda assim, a maioria dos participantes reconheceu a afetividade como fator positivo, sugerindo que, em muitos casos, houve capacidade de transformar conflito em aprendizagem e fortalecer vínculos.

Como limitações, destaca-se o número reduzido de participantes e o recorte exclusivo em estudantes de Psicologia, o que restringe generalizações. Também não foram investigadas diretamente variáveis como jornada de trabalho e condições socioeconômicas, embora a predominância do período noturno indique relevância desse contexto. Estudos futuros podem aprofundar a relação entre exigências externas e funcionamento grupal, analisando como fatores objetivos atravessam a constituição do vínculo e a disponibilidade psíquica para a tarefa coletiva.

## **5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS**

A realização da pesquisa seguiu as diretrizes éticas da Resolução CNS nº 510/2016, sendo dispensada de submissão ao sistema CEP/CONEP por tratar-se de estudo com dados não identificáveis e sem riscos previsíveis.

A participação foi voluntária, assegurando-se o anonimato dos respondentes e o consentimento livre e esclarecido em formato digital. Não foram coletados dados sensíveis ou informações que permitissem a identificação individual dos participantes, garantindo-se a confidencialidade das informações conforme os princípios éticos aplicáveis à pesquisa com seres humanos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises realizadas nesta pesquisa permitiram compreender aspectos relevantes das dinâmicas presentes nos grupos de estudo entre estudantes de Psicologia, evidenciando que tais

espaços são constituídos não apenas por critérios acadêmicos, mas também por fatores relacionais e afetivos. A amostra foi composta por 41 estudantes do curso de Psicologia, com predominância do gênero feminino (78,05%) e maior concentração nos semestres finais da graduação, especialmente no 9º semestre (80,50%). Observou-se ainda que a maior parte dos participantes está matriculada no período noturno (78%), o que sugere a coexistência de demandas acadêmicas com outras responsabilidades, como trabalho e vida pessoal.

No que se refere à formação dos grupos de estudo, os dados indicaram que a afinidade pessoal foi o principal critério de escolha, apontado por 61% dos participantes, seguida pelo desempenho acadêmico (26,8%). Esse resultado evidencia que os estudantes tendem a priorizar relações nas quais percebem proximidade emocional, confiança e sensação de pertencimento. De forma complementar, a simpatia ou familiaridade foi considerada muito importante ou moderadamente importante por 83% dos participantes, reforçando a centralidade dos vínculos interpessoais na constituição desses grupos.

Apesar dessa preferência por relações de proximidade, os resultados também evidenciaram dificuldades no funcionamento grupal. A principal delas foi a falta de comprometimento de algum membro, mencionada por 56,1% dos participantes, seguida por conflitos de personalidade (22%) e problemas de comunicação (17,1%). Esses dados indicam que, mesmo quando formados a partir de afinidade, os grupos podem enfrentar tensões relacionadas à responsabilidade compartilhada e à gestão das diferenças individuais.

Outro aspecto relevante refere-se à instabilidade dos grupos ao longo da trajetória acadêmica. Observou-se que 55% dos participantes relataram ter trocado de grupo ao menos uma vez durante o curso, sendo que parte deles realizou essa mudança mais de uma vez. Esse movimento sugere que a afinidade inicial nem sempre é suficiente para sustentar a continuidade do trabalho coletivo, especialmente quando surgem frustrações relacionadas à divisão de tarefas ou ao engajamento dos membros.

Em contrapartida, entre os participantes que permaneceram no mesmo grupo, os fatores mais associados à permanência foram o comprometimento com o trabalho ou estudo (37,5%) e o vínculo afetivo ou boa relação interpessoal (35%). Esses resultados indicam que a estabilidade grupal depende da articulação entre responsabilidade coletiva e qualidade das relações estabelecidas.

A análise dos papéis assumidos nos grupos demonstrou predominância do papel de executor de tarefas (46,3%), seguido pelo papel de liderança organizacional (22%). Funções relacionadas à mediação de conflitos (14,6%), geração de ideias (12,2%) e apoio emocional ao grupo (4,9%) apareceram com menor frequência, sugerindo que muitos estudantes concentram sua atuação na dimensão operacional das atividades, possivelmente como forma de lidar com as ansiedades inerentes às interações grupais.

No que diz respeito à dimensão afetiva, os resultados indicaram que 53,7% dos participantes perceberam que a afetividade foi construída gradualmente ao longo do tempo, enquanto 24,4% afirmaram que esse vínculo já estava presente desde o início da formação do grupo. Por outro lado,

cerca de 22% dos estudantes relataram dificuldades na construção de vínculos mais profundos, evidenciando experiências marcadas por distanciamento emocional ou fragilidade na coesão grupal.

Apesar dessas dificuldades, a maioria dos participantes avaliou a influência da afetividade de forma positiva. Somados, 80,5% dos respondentes consideraram que os vínculos afetivos contribuíram positivamente para o funcionamento do grupo, ainda que, em alguns casos, tenham ocorrido momentos de tensão ou conflito. Esses achados indicam que a presença de vínculos afetivos pode favorecer tanto a colaboração quanto a capacidade do grupo de enfrentar e elaborar conflitos.

À luz da teoria psicanalítica dos grupos, esses resultados dialogam com a perspectiva de Pichon-Rivière (1971/2009), segundo a qual o grupo se estrutura na articulação entre tarefa e vínculo, sendo este último uma unidade fundamental de análise das relações grupais. De modo complementar, a concepção de Kaës (2016) acerca do aparelho psíquico grupal permite compreender como o grupo pode funcionar como um espaço comum de elaboração psíquica, no qual afetos, ansiedades e conflitos são compartilhados e simbolizados coletivamente.

De forma semelhante, as dinâmicas observadas aproximam-se das contribuições de Bion (1961/2004), especialmente no que se refere à função do grupo como continente psíquico. Nessa perspectiva, o grupo pode acolher e transformar ansiedades e tensões emergentes das interações, possibilitando que essas experiências sejam elaboradas coletivamente. Quando essa função se estabelece, o grupo tende a operar como um grupo de trabalho, orientado pela tarefa e pela cooperação entre os membros.

Face a esses resultados, pode-se afirmar que a eficácia dos grupos de estudo não depende exclusivamente da organização das atividades acadêmicas, mas está profundamente relacionada à qualidade dos vínculos estabelecidos entre os participantes e à capacidade coletiva de lidar com as tensões inerentes à convivência. Assim, a afetividade e a intersubjetividade não se apresentam apenas como elementos complementares, mas como componentes estruturantes do funcionamento grupal.

Entretanto, esta pesquisa apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. O estudo foi realizado com uma amostra relativamente restrita de estudantes de um único curso e instituição, o que limita a generalização dos resultados para outros contextos acadêmicos. Além disso, os dados foram obtidos por meio de questionário, instrumento que, embora permita alcançar um número maior de participantes, não possibilita explorar com maior profundidade os aspectos subjetivos das experiências grupais.

Diante dessas limitações, sugere-se que pesquisas futuras possam ampliar o número de participantes, incluir estudantes de diferentes cursos ou instituições e utilizar metodologias complementares, como entrevistas ou grupos focais, que permitam investigar de maneira mais aprofundada as vivências emocionais e relacionais presentes nos grupos de estudo. Investigações dessa natureza podem contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas psíquicas que atravessam os grupos acadêmicos e de seu impacto na formação profissional.

Por fim, compreender as dinâmicas psíquicas presentes nos grupos de estudo contribui para ampliar a reflexão sobre os processos de aprendizagem no ensino superior e para o desenvolvimento de

práticas pedagógicas que considerem a dimensão relacional da formação acadêmica. Ao reconhecer o grupo como espaço de aprendizagem, conflito, elaboração e transformação, torna-se possível valorizar sua função na constituição da identidade acadêmica e profissional dos estudantes de Psicologia.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.

BION, Wilfred Ruprecht. Experiências em grupos. Rio de Janeiro: Imago, 2004. **(Obra original publicada em 1961).**

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BIRMAN, Joel. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CIAMPA, Antonio da Costa. A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014. **(Obra original publicada em 1975).**

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. **(Obra original publicada em 1930).**

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. **(Obra original publicada em 1933).**

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. **(Obra original publicada em 1921).**

KAËS, René. O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

KAËS, René. As alianças inconscientes. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

KUPFER, Maria Cristina. O sujeito na clínica psicanalítica com crianças. 7. ed. São Paulo: Escuta, 2021.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. **(Obra original publicada em 1971).**

## APÊNDICE A - Questionário aplicado aos estudantes

Perguntas para Alunos de Psicologia sobre Dinâmicas de Grupo

Estas perguntas buscam explorar a experiência dos estudantes na formação e manutenção de grupos de estudo, abordando aspectos como a aproximação, os critérios de escolha, a afetividade envolvida e os papéis assumidos. Sua participação é voluntária e anônima.

Quais as iniciais do seu nome: \_\_\_\_\_

Qual seu gênero: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Qual seu semestre no curso de Psicologia: \_\_\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_

1. Quando foi proposto um trabalho em grupo ou a formação de um grupo de estudo em sala de aula, qual foi o seu critério inicial de escolha dos colegas? (Por exemplo: proximidade física, afinidade pessoal, desempenho acadêmico, sugestão de terceiros etc.).
2. Qual a importância da simpatia ou familiaridade prévia na sua decisão de se aproximar de determinados indivíduos para formar um grupo?
3. Você permaneceu no mesmo grupo desde a formação inicial ou houve alguma mudança?
4. Se sim, o que o motivou a continuar nesse grupo? (Considere fatores como comprometimento, vínculo afetivo, colaboração, percepção de parceria ou a sensação de que o grupo permitia sua autenticidade e aceitação).
5. Se não, o que o motivou a sair ou mudar de grupo? (Refleta sobre desafios na comunicação, a dificuldade em superar a tarefa implícita, o surgimento de ansiedades ou o impacto das diferentes personalidades e papéis).
6. No decorrer do trabalho ou estudo em grupo, como você percebeu a construção da confiança mútua entre os membros? Houve momentos em que a defensividade inicial deu lugar a um compartilhamento mais profundo?
7. Quais papéis ou funções você observou emergirem naturalmente dentro do seu grupo? Você percebeu que seu próprio papel mudava com o tempo? (Pense para além de líderes ou seguidores, como aqueles que organizam, mediam conflitos e trazem novas ideias).
8. Como a afetividade (bem-querer, empatia, mas também possíveis tensões) influenciou a dinâmica e a produtividade do seu grupo?
9. De que forma a experiência de trabalhar em grupo contribuiu para sua aprendizagem e desenvolvimento acadêmico no curso de Psicologia?
10. Quais obstáculos ou tarefas implícitas (medos, resistências) seu grupo precisou superar para conseguir realizar a tarefa explícita (o trabalho, o estudo)?